

Esta é uma história de todos os dias, sobre a vida e a morte, sobre a sua natureza, sobre a sua aparente falta de sentido e sobre a dificuldade que temos em as compreender. É uma história sobre o fim e o princípio, sobre os ciclos de criação e destruição.

8



A vida para mim é paz, felicidade.
Prefiro morrer em paz do que morrer por doença.

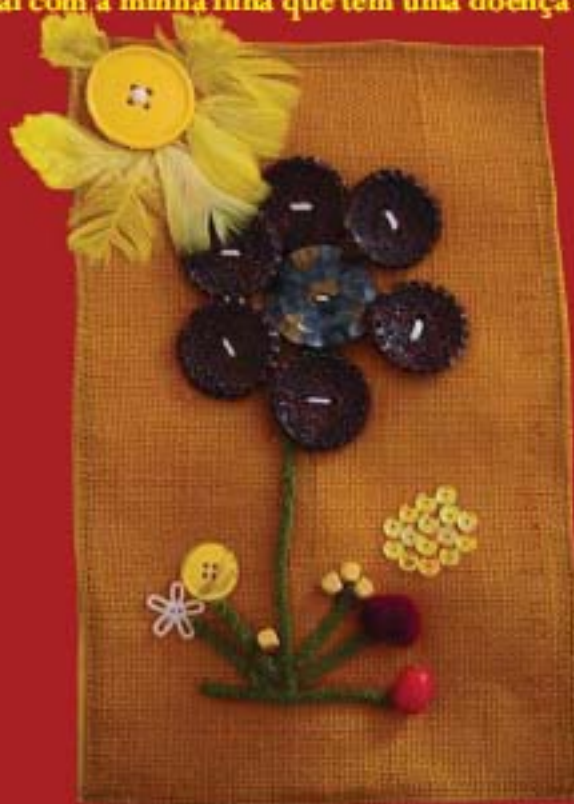
Sérgio Ramos, 9 anos



Era uma vez uma pequena aldeia, onde as crianças costumavam brincar na praça principal à volta de uma estátua de pedra. A estátua representava uma menina que estava vestida como as crianças que se divertiam à sua volta. Um dia, um menino, que estava a brincar com os seus amigos na praça, sentiu-se mal e foi para casa descansar um pouco. Na cama, com o avô sentado ao seu lado, ele pensou como gostaria de estar lá fora com os outros e lembrou-se da estátua que todos os dias olhava para as crianças e nunca podia brincar com elas. “Como é que ela aguenta?” perguntou ao avô, “Ela nunca vai brincar como eu nem sentir os abraços e os beijinhos da sua mãe”.

Mãe

O sol representa a luz da minha vida para os meus filhos.
Em especial com a minha filha que tem uma doença oncológica.



Esta flor é sinal do amor e da saúde da minha filha

Menino com tumor cerebral



PARA OS PAIS

É verdade que a vida e a morte são como a palma e as costas da mão, como diz o menino para o avô neste conto. Ambas estão intrinsecamente ligadas, uma não existindo sem a outra. A morte é um processo natural da vida. No entanto, também é verdade que, quando ela chega ou é eminente, causa sempre sofrimento, tanto na pessoa que parte, como nas pessoas que ficam e têm de lidar com a perda. Este sofrimento é inevitável e faz parte da vida. Não podemos evitar a tristeza que nos causa a perda de uma pessoa amada. O que podemos evitar é o remorso ligado a esta perda. O remorso que vem de não termos exprimido o quanto a amávamos, de não lhe termos dito o que gostaríamos de ter dito, de não termos feito o que gostaríamos de ter feito, ou de não termos aproveitado plenamente a sua presença. Depois da sua partida é tarde demais, e este remorso torna o luto muito mais longo. Robert Twycross, no seu artigo "Morte sem sofrimento?"⁽¹⁾ diz: "A cura, é sobre restaurar a relação que

temos conosco próprios, com os outros, com o meio ambiente e com Deus. É importante lembrar que o objectivo de curar não é de ficar curado ou de sobreviver, mas de nos tornarmos inteiros. E morrer curado inclui expressar 5 coisas importantes: Eu amo-te; perdoa-me; eu perdôo-te; obrigada; adeus⁽²⁾. Mas, para isso, é preciso que haja comunicação e abertura na família. O que acontece é que, por vezes, o sofrimento é tão grande que temos dificuldade em manter a comunicação e a abertura e necessitamos de ajuda.

Quando se trata de crianças, a dificuldade não é menor. Por vezes queremos proteger a criança e escudá-la da verdade que a pode ferir. O problema é que a mentira dói mais ainda. Uma criança é muito sensível. Ela consegue sentir a preocupação e a tristeza e não se deixa enganar pela cara alegre que compomos quando está presente. Se lhe explicarmos que estamos tristes e porquê, ela sente-se mais segura por compreender o que se passa à sua volta e por sentir que faz parte da família. Quando transmitimos a verdade com carinho e serenidade, as crianças aceitam-na. Como é óbvio, não pretendo dizer que tenhamos de transmitir a verdade de qualquer maneira e sem contemplos. É preciso